



A BANALIDADE DO MAL E A INTOLERÂNCIA

TENÓRIO, Hellen Tisiane Gonçalves ¹
DE FREITAS, Maria Cristina Leal ²
AVILLA, Francine ³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o conceito “banalidade do mal” de Hannah Arendt e a intolerância, utilizando-se como apoio teórico as obras “Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal” e a “A condição humana”.

Palavras-chave: mal banal, violência, intolerância.

ABSTRACT: This work aims to make a brief analysis on Hannah Arendt’s concept of “banality of evil” and intolerance, using as theoretical support the works “Eichmann in Jerusalem – a report on the banality of evil” and “The condition human”.

Keywords: banal evil, violence, intolerance.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os conflitos causados pelo fenômeno da intolerância, em uma sociedade multicultural como a nossa, onde as diferenças são evidentes, traz à tona a questão: é possível uma convivência harmônica em uma sociedade marcada pela pluralidade?

Diante da complexidade com que o problema da intolerância se prolifera na sociedade, torna-se fundamental refletir sobre as relações intrapessoais, políticas e sociais na busca de caminhos que possibilitem a coexistência entre os indivíduos com base na aceitação das diferenças.

¹ Discente do Curso de Direito, Nível 4 2020/2 – Faculdade IDEAU – Bagé/RS

² Mestre, graduada em Psicologia, Direito e Ciências Sociais, Professora do Curso de Direito das Faculdades Integradas de Paranaíba – disciplinas Antropologia Jurídica e Sociologia.

³ Docente do Curso de direito, Nível 4 2020/2 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

*E-mail para contato: ticianitenorio@gmail.com



A violência ligada à intolerância resulta na falta de respeito, de empatia e consequente desvalorização do indivíduo.

O presente trabalho procura analisar a concepção arendtiana sobre o mal como uma possibilidade de compreender a intolerância contra o outro, o diferente.

A filósofa aborda o mal em uma perspectiva ético-política. Com a expressão “banalidade do mal”, Arendt pretendeu mostrar a manifestação de um mal que não precisa de justificativas para ser praticado; que se caracteriza pela ausência do pensamento. A novidade da sua reflexão reside justamente em evidenciar que os seres humanos podem realizar ações inimagináveis, destruir e matar, sem qualquer motivação maligna.

Ao relacionar o mal à falta de uma reflexão, Arendt aponta para uma possível compreensão da intolerância nas sociedades contemporâneas, em que a prática do mal ocorre nas injustiças e nos atos violentos contra refugiados, mulheres, pessoas LGBTQs, desempregados, indígenas, negros, idosos e a natureza. Percebe-se que a violência e a intolerância ou incitação a elas está presente em qualquer dualidade, seja política, sexual, racial, religiosa.

A intolerância é o processo de repúdio à diversidade, processo histórico, presente em diversas épocas e ainda contemporâneo, responsável pela morte de várias pessoas, abarca múltiplas formas, pode ser contra raça, contra religião, socioeconômica, contra o gênero e orientação sexual.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa objetiva analisar as causas da intolerância que resultam em violência na sociedade contemporânea, através da análise de teorias formuladas por Hannah Arendt, como “banalidade do mal” e “alteridade”. Para tanto, parte da conceituação de banalidade do mal, relacionando esse conceito com a intolerância contra os diferentes em sociedades marcadas pela pluralidade, e, por fim, pondera sobre a alteridade composta por Arendt.

2.1 Referencial Teórico



Arendt (1999) ao cobrir o julgamento do burocrata nazista Adolf Eichmann procurou compreender como a violência poderia ser praticada de forma tão natural, como se fizesse parte do cotidiano. O mal encontrado em Eichmann é banal porque não foram apresentadas explicações convincentes para seus atos, não havia motivação alguma, nem ideológica, nem patológica, nem demoníaca. O mal “é como um fungo, não tem raiz, nem semente” (Kohn, 2001, p. 14), espalha-se indivíduos incapazes de pensar e dar significado aos acontecimentos e aos próprios atos.

A intolerância está na raiz das grandes tragédias mundiais, no extermínio dos ameríndios e de judeus, promoveu a inquisição, levou países a construírem um sistema de apartheid e organizarem campos de concentração. Uma das principais causas da intolerância é o desconhecimento, a ignorância. Para Salaroli e Simões (2017, p. 427): “[...] a discriminação e a intolerância são como construções humanas fundamentadas nos preconceitos e estereótipos, onde o sujeito acaba impondo seus valores a todos os outros e, na medida em que estes não são aceitos, os mesmos partem para agressão, seja de qualquer natureza ou espécie”. O ser humano simples, trivial, comum, reproduz discursos de intolerância sem pensar que culminam em violência. Para Arendt (2007) a ação é onde habita propriamente a alteridade, transforma o indivíduo em humano; corresponde à pluralidade, ou seja, ao fato de que não existe um único ser humano, que a característica humana é a comunhão, o conjunto, o viver em sociedade. A pluralidade é constituída pelo binômio igualdade-diferença, ou seja, os seres humanos são iguais em sua forma, sua espécie, mas se diferem quanto ao discurso que proferem e ao modo de agir; eles só existem e evoluem como “ser” devido à existência de outros seres humanos diferentes. A pluralidade é inerente ao ser humano e ao seu desenvolvimento, e só é possibilitada pelo convívio em sociedade, com o outro. Assim, a pluralidade é parte da alteridade e a alteridade é a aceitação do outro como um ser distinto e único, necessário ao desenvolvimento do “eu”. O paralelo possível entre a banalidade do mal e a alteridade, é que a banalidade do mal aniquila completamente o sentido da alteridade, e, sendo a pluralidade o que define o ser humano, aniquila o sentido da humanidade. A intolerância é causada pela incapacidade de pensar dos indivíduos preconceituosos, que ainda não compreenderam e não aceitaram as diferenças como uma realidade humana e, que elas são fundamentais para o desenvolvimento da própria sociedade. Para Arendt a ruptura da intolerância seria a ideia de alteridade. A alteridade é um movimento de reflexão do indivíduo com o seu próprio eu, que considera o outro como fundamental para o seu desenvolvimento e



para o desenvolvimento da comunidade. A pluralidade só é possibilitada pelo convívio em sociedade.

2.2 Material e Métodos ou Metodologia (pode conter subtítulos)

A partir dos objetivos traçados para esta pesquisa a metodologia utilizada neste trabalho envolve uma revisão bibliográfica. Para a compreensão do fenômeno, buscou-se auxílio em alguns conceitos e ideias da filósofa Hannah Arendt, principalmente nas teorias da banalidade do mal e da alteridade, nas obras “Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal” e “A condição humana”.

2.3 Resultados e Discussão ou Análise dos Resultados

A banalidade do mal se dá através de discursos de ódio alvos de irreflexões e propagados cotidianamente por pessoas comuns que não possuem capacidade de pensar autonomamente. Arendt propõe a alteridade como ruptura ao mal trivial, à intolerância, pois, os seres humanos só evoluem quando convivem com pessoas diferentes de si, a alteridade seria a consciência disso e a aceitação do outro como diferente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Hannah Arendt continua atual e importante para refletirmos sobre nossos atos e nossa responsabilidade pelo mundo. Desta forma, tentar desconstruir e ressignificar essa concepção de maldade humana, por meio da capacidade de pensar antes de agir e que as ações futuras sejam humanizadas. Por conseguinte entender a construção da violência institucionalizada através de todo o contexto histórico através da obra de Hannah Arendt.

REFERÊNCIAS



ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KOHN, Jerome. O mal e a pluralidade: o caminho de Hannah Arendt em direção à *Vida do espírito*. In: AGUIAR, Odílio Alves *et al.* (Org.). **Origens do totalitarismo**: 50 anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 9-36.

SALAROLI, Tatiane Pereira; SIMÕES, Anélia dos Santos Marvila. O retrato da intolerância religiosa no Brasil e os meios de combatê-la. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Espírito Santo**, v. 05, n. 02. 2017.